

AS MÍSTICAS DO VI CONGRESSO DO MST: aspectos formais, políticos e organizativos da construção estética do território

Luciano Carvalho Barbosa¹

Resumo

Este artigo busca identificar elementos estético-formais na mística do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) que componham a construção simbólica de um sentido de nação a partir da perspectiva da classe trabalhadora e em específico pela visão de mundo dos Sem-Terra. Este trabalho verificará se categorias geográficas como território, região, espaço e paisagem estão presentes nas encenações de místicas do MST, em especial nas grandes místicas de Congressos Nacionais.

Palavras-chave: MST, mística, território.

Introdução:

A mística é uma atividade e também uma espécie de sentimento desenvolvido/vivenciado no MST. É um processo coletivo de criação e elaboração reflexiva por meio de representações simbólicas da realidade material, assim como da representação simbólica da subjetividade dos militantes, da organização e da classe social dos criadores. A mística envolve sentimentos relacionados ao pertencimento afetivo, que transcendem a luta das trabalhadoras e trabalhadores rurais sem-terra. No entanto, discorreremos neste artigo sobre os aspectos da encenação das místicas conforme elementos já apresentados em *Encenação da Mística: O Teatro Épico do MST?*², onde as notórias aproximações com o teatro épico brechtiano nos permitem uma análise dos conteúdos a partir de categorias geográficas numa perspectiva política.

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial na América Latina e Caribe (TerritoriAL) – UNESP – email: sapolusa@gmail.com

² Monografia apresentada pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP), sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Jade Percassi.

Mística

Mística deriva da palavra mistério que, por sua vez, deriva do termo grego (Μυστήριον) *Mystérion*. À *mystérion* temos conectado o sentido de segredo, onde o verbo grego *Μυσ* significa “fechar, calar-se, fechar a boca ou os olhos” (HOUAISS,2001)³.

Segundo o teólogo Günter Finkenrath, a palavra *mystérion* quando utilizada no plural era quase que convertida em sinônimo de “Festivais” (apud BERTURCCI, 2010). Os festivais gregos mais significativos de que se tem notícia eram os chamados Mistérios de Eleusis (VERNANT, 2009. p. 73). A cidade grega de Eleusis, situada a cerca de 30 quilômetros de Atenas, possuía um templo dedicado a deusa da agricultura Deméter⁴ e sua filha com Zeus, Perséfone. Mãe e filha cuja ação mítica destinava-se à proteção das colheitas e fertilidade.

Percebemos aqui uma conexão interessante da relação de mistério (mística) com as questões agrícolas, um parentesco milenar com o Movimento ligado eminentemente à terra, guardadas as inúmeras diferenças. O mito de Perséfone⁵, que fora raptada por Hades (deus do submundo), pode ser entendido como o período de sepulcro vivo, o enterro da semente em repouso sob o solo para depois germinar.

Os Mistérios de Eleusis eram festivais anuais destinados à iniciação de devotos por meio de celebrações. Havia os mistérios de primavera – também chamados de pequenos mistérios – e os grandes mistérios realizados no outono, com duração de nove dias, envolvendo procissão, ornamentação, cantos, encenações e sacrifício de animais⁶. Os iniciados nos mistérios eram chamados de *mistes* e a participação no evento não tinha o significado de aprendizagem de uma doutrina, mas a vivência singular de iniciação.

3 Encontramos também outras formas de grafia para a palavra *Μυσ*: em Günter Finkenrath temos *muw* (*myo*) (apud BERTURCCI, H. R., 2010), Leonardo Boff nos Cadernos de Formação do MST grafa como *múien* (SANTOS, 2005). BOFF, Leonardo. Alimentar nossa mística. Caderno de Formação nº 27. São Paulo: MST, março de 1998 a. Günter Finkenrath. *μυστήριον*. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin. **Dicionário internacional de Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Gordon Chown. 2. ed. São Paulo – SP: Vida Nova, 2004. v. II (N – Z), p. 2282.

4 RIBEIRO JR., W.A. *Deméter e Perséfone*. Portal Graecia Antiqua, São Carlos. URL: greciantiga.org/arquivo.asp?num=0198. Consulta: 15/01/2017.

5 Disponível em: <https://www.dicionariodesimbolos.com.br/persefone/>; <http://dec.ufcg.edu.br/biografias/MGPersef.html>. Acesso em: 14 maio 2017.

6 Disponível em: <https://educavita.blogspot.com.br/2015/02/eleusis-sua-origem-e-historia.html>. Acesso em: 14 maio 2017.

Somente quando os mistes, chegados ao local, já tinham penetrado no recinto do santuário é que se impunha o segredo, do qual nada devia transpirar para o lado de fora. A proibição era suficientemente poderosa para ter sido respeitada ao longo dos séculos. Mas, embora os mistérios tenham mantido seu segredo, hoje podemos tomar como certos alguns pontos. Não havia em Elêusis nenhum ensinamento, nada que se assemelhasse a uma doutrina esotérica. Sobre isso, o testemunho de Aristóteles é decisivo: “Os que são iniciados não devem aprender algo, mas experimentar emoções e ser levados a certas disposições.” (VERNANT, 2009. p. 73).

Ora, também aqui encontramos aproximações significativas com o sentido contemporâneo de mística que ainda abordaremos, mas cabe o apontamento a respeito do caráter de experimentação de emoções e a condução, por meio do ritual, a “certas disposições” do iniciado, como que colocado num outro estado de ânimo.

Vale mais um pormenor das semelhanças: o caráter coletivo da execução dos mistérios gregos. Não havia, por exemplo, uma hierarquia sedimentada, com um sacerdócio fixo e vitalício. As funções dentro dos mistérios eram desempenhadas por cidadãos comuns, desde que não pesasse sobre eles alguma mácula social. Portanto todos estavam previamente aptos a exercer os papéis rituais. Conforme Vernant,

“Essa tradição religiosa não é uniforme nem estritamente determinada; não tem nenhum caráter dogmático. Sem casta sacerdotal, sem clero especializado, sem Igreja, a religião grega não conhece livro sagrado no qual a verdade estivesse definitivamente depositada num texto. Ela não implica nenhum credo que imponha aos fiéis um conjunto coerente de crenças relativas ao além.” (VERNANT, 2009).

Como nos mistérios gregos, qualquer militante do MST pode participar da feitura e da fruição das místicas; todos os participantes são, respeitadas as diferenças, espécies de mistes que experimentarão o universo da mística. Além disso, as místicas do Movimento Sem-Terra também podem conter procissão, ornamentação, cantos e encenações. O cunho religioso atribuído à mística dado pela igreja católica é posterior ao sentido primeiro que, embora componente de um ambiente religioso, distanciava-se deste no sentido mais estrito, uma vez que religião, cultura, ritos e política se confundiam entre os gregos⁷.

7 “Nenhuma religião é simples, homogênea, unívoca. Mesmo nos séculos VI e V antes da nossa era, quando o culto cívico, tal como o evocamos, dominava toda a vida religiosa das cidades, não deixavam de existir ao lado dele, em suas franjas, correntes mais ou menos marginais de orientação diferente. É preciso ir mais longe. A própria religião cívica, embora modele os comportamentos religiosos, só pode garantir plenamente seu domínio reservando um lugar, em seu seio, para os cultos de mistérios cujas aspirações e atitudes lhe são parcialmente estranhas, e integrando a si mesma, para englobá-la, uma experiência religiosa como o dionisismo, cujo espírito é, sob tantos pontos de vista, contrário ao seu. Religião cívica, dionisismo, mistérios,

Este primeiro esforço de busca da origem da palavra mística nos dá, dentre outras, a evidência de que mistério, seu correlato imediato, apresenta-se como manifestação organizada e vivida coletivamente, permeada por elementos estéticos na busca de uma experimentação singular de conexão com o sagrado.

Atravessando os séculos encontramos o Mistério nos ritos cristãos da Idade Média. O Mistério medieval dá nome tanto à ritualística de conexão com o sagrado quanto à teatralidade épica. Nesse momento, portanto, adquire características nitidamente teatrais e ganha dimensões que extrapolam os pórticos da Igreja, remontando com nova roupagem o que conhecemos como os Mistérios da antiguidade grega; ou seja, desvincula-se da liturgia católica e ganha traços populares com músicas, encenações, ornamentação, declamação de textos conforme os preceitos do cristianismo.

Ao fim da Idade Média surge o Mistério, já totalmente separado da Igreja e apresentado em plena cidade. A imensa peça, independente da liturgia, ilustra a visão universal da história humana em amplo contexto cósmico, desde a queda de Adão até o Juízo Final. No entanto, apesar da tendência de eliminar o narrador explícito, mantém-se plenamente o caráter épico fundamental da peça medieval, da mesma forma como certo acento cerimonial e festivo, mercê da constante intervenção da música e do coro (ROSENFELD, 2008, p. 45).

Dessa forma, o rito da mística, desde suas ancestrais formas, seja mistério grego ou medieval, desloca-se, então, de uma estrutura religiosa rígida e ruma para inventividades coletivas de conexão mútua com elementos sagrados.

No estudo contemporâneo das religiões, a mística ocupa espaço de destaque. Segundo Ademar Bogo, o “termo é compreendido [...] como adjetivo de mistério assimilado por meio da experiência da própria vivência espiritual”.⁸ O autor ainda apresenta três dimensões adquiridas pela mística no conjunto das lutas sociais e políticas: a abordagem *pelos religiões*, *pelos ciências políticas* e *pelos movimentos populares* – embora, segundo ele, essas dimensões não sejam definitivas. Na abordagem religiosa, Bogo endossa o que até aqui explanamos sobre a conexão da mística com o sagrado, porém, sem a ênfase que conferimos às encenações coletivas e populares, atesta que desde a antiguidade a mística é tratada como “espiritualidade” (apud Boff, 2000). De acordo com as ciências políticas, a mística significa

orfismo: sobre as relações entre eles durante o período de que trata nosso estudo, sobre a influência, o alcance, a significação de cada um, o debate não está encerrado.” (VERNANT, 2009. p. 10-11).

8 CALDART, Roseli Saete (Org.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2013. p. 473.

“as revelações subjetivas” manifestas como o “carisma que há em cada ser social”. E finalmente:

[...] pela fundamentação filosófica, os movimentos populares compreendem a mística como expressões da cultura, da arte e dos valores como parte constitutiva da experiência edificada na luta pela transformação da realidade social, indo em direção ao *topos*, a parte realizável da utopia. (BOGO, 2013).

A relação direta entre o significado de mística e de mistério apresenta-se agora como consequência de uma “evolução” histórica, isto é, como uma adequação de usos conforme o desenvolvimento histórico e as apreensões necessárias às classes sociais de determinado período.

No catolicismo recente podemos encontrar a vertente de conexão entre místicas ainda religiosas com as místicas de movimentos populares, que se autonomizaram em relação à Igreja. Estão dados os passos em direção a um descolamento da Igreja. Junto às Comunidades Eclesiais de Base (CEBs)⁹, por exemplo, a Teologia da Libertação apresenta elementos críticos conectores da realidade política e material com a espiritualidade.

Podemos datar o nascimento dessa corrente, que poderíamos denominar como “cristianismo da libertação” no começo dos anos 60, quando a Juventude Universitária Católica brasileira (JUC), alimentada pela cultura católica francesa progressista (Emmanuel Mounier e a revista *Esprit*, o padre Lebreton e o movimento “Economia y Humanismo”, o Karl Marx do jesuíta J.Y. Calvez), formula por primeira vez, em nome do cristianismo, uma proposta radical de transformação social. Esse movimento se estende depois a outros países do continente e encontra, a partir dos anos 70, uma expressão cultural, política e espiritual na “Teologia da Libertação”(LÖWY, 2008).¹⁰

A Teologia da Libertação é um dos alicerces constitutivos do MST. Segundo o pesquisador Rafael Bellan, as movimentações políticas da década de 1970 somadas “ao papel ideológico dos católicos da Comissão Pastoral da Terra (CPT) e Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) [...] realizaram um importante trabalho de socialização política dos trabalhadores rurais, criando espaços de formação de uma consciência crítica ao modelo agrícola vigente. As greves operárias de 1978/1979 criaram um novo ideário político e a possibilidade de reconstituição da

9 “As Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) surgiram no Brasil como um meio de evangelização que respondesse aos desafios de uma prática libertária no contexto sociopolítico dos anos da ditadura militar e, ao mesmo tempo, como uma forma de adequar as estruturas da Igreja às resoluções pastorais do Concílio Vaticano II, realizado de 1962 a 1965. [...]” (Pe. Nelito Nonato Dornelas). Disponível em: <<http://www.vidapastoral.com.br/artigos/eclesiologia/a-identidade-das-cebs/>>. Acesso em: 14 maio 2017.

10 LÖWY, Michael. A Teologia da Libertação: Leonardo Boff e Frei Betto. Disponível em: <<http://port.pravda.ru/sociedade/cultura/27-10-2008/25022-teologialibertacao-3/>>. Acesso em: 14 maio 2017.

noção de movimentos de massas no Brasil, inspirando a aglutinação de diversas experiências de lutas pela terra isoladas em várias regiões, que mais tarde afluíram para o MST.” (apud SOUZA, 2012).

Esse elemento formador “ideológico” da Teologia da Libertação não está apartado de componentes formais e estéticos. A mística das CEBs tem papel de destaque na constituição do que viria a ser a mística do MST – embora, no caso do Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra, um gradual afastamento dos preceitos originais ceda lugar às novidades formais e temáticas. O mesmo ocorreu na constituição do teatro épico medieval, que foi gradualmente afastando-se da liturgia e configurando-se como teatralidade.

Outro exemplo, ainda no campo teatral – visto que o papel da encenação nos interessa –, é o próprio ato inaugural do teatro grego, em que uma pessoa se destaca em meio a um rito dionisíaco e se afirma como a representação do próprio deus (PAVIS, 2011). Aí também observamos um distanciamento do religioso rumo ao jogo cênico, ao *ludos*; distanciamento que não significa negação, assim como a mística do MST não é mais a das CEBs ou da CPT, embora oriunda destas. Coelho dá-nos contribuição sobre as significativas mudanças ocorridas na mística no intuito de servir a seu tempo e realidade específica.

A mística para a organização do MST ganhou outros sentidos em relação à mística praticada pela CPT. No movimento, essa prática foi sendo sistematizada privilegiando a dimensão política, mesmo que sua organização não retire dela o caráter de mistério, ou sua *misteriosa* capacidade de *motivar e animar* os sujeitos nas lutas. É atribuído à mística o seu *sentido sócio-político*, de almejar *visões e convicções profundas*, na qual deve sustentar a *utopia* e o *projetar de uma sociedade diferente*, conforme o entendimento do MST (COELHO, 2010, p. 264).

A característica de busca da utopia realizável ou do *topos*, conforme Bogo, é parte central da identificação de uma topografia simbólica gestada pelas místicas produzidas pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra. Lembramos que mística para o MST não se reduz a sua encenação, uma vez que há a compreensão por parte de seus membros de que ela se manifesta em encontros, lutas, marchas, trabalhos coletivos etc.

A partir das leituras de Ademar Bogo, é possível identificar duas abordagens distintas, porém complementares, do conceito de mística. A primeira diz respeito a uma perspectiva da mística enquanto energia, enquanto “entorno” das ações de militância e de luta. A segunda refere-se à mística como ação concreta, que inicia as atividades do movimento – uma formalização artística que também evoca a importância da militância e da luta.

Em primeiro lugar, portanto, o autor apresenta a mística em seu aspecto mais amplo e talvez mais etéreo. Trata-se da disposição que busca manter acesa a chama da esperança e construir um novo mundo que virá.

Assim é que nasce a mística socialista, sendo ela o desejo de antecipar o impossível distante em imagens simbólicas, possibilitando o começo de sua edificação no tempo presente (BOGO, 2002, p. 140).

De acordo com o trabalho *A encenação da mística: o teatro épico do MST* (ABRAHÃO; BARBOSA, 2016), a mística é a *solidariedade* e o *voluntarismo da militância*, elemento que fortalece o militante para que *não esmoreça a luta mesmo diante das mais adversas condições de existência*. É também *entusiasmo*, *é o carisma do revolucionário e a teimosia daqueles que se contrapõem*. Outros aspectos mencionados por Ademir Bogo é o da mística como relação com os outros seres vivos que habitam o planeta e compartilham um lugar, costumes, cultura e territórios. Mística como chama de indignação e permanente ato de conscientização e desenvolvimento, que busca reconhecer e barrar as forças de destruição e desagregação desencadeadas pelo modo capitalista de produção.

A Mística se desenvolve na cultura de cada povo e está ligada aos hábitos, crenças e conhecimentos de cada um deles. Exige consciência e presença intermitente. Ela é prática, que se manifesta das mais diferentes maneiras e momentos, mas é também teoria, conteúdo, ideologia. Como é próprio da Mística, é difícil explicá-la porque, para entendê-la, é necessário senti-la e vivê-la. Isso, no entanto, não impede que se estude e sistematize o conteúdo, a fundamentação dessa prática, já que ela terá tanto mais vigor quanto mais profundas forem suas raízes que, além de alimentar, a sustentam. Portanto, utilizando uma das categorias da dialética, podemos dizer que a Mística é conteúdo e forma. Esses dois aspectos se requerem mutuamente e se impulsionam reciprocamente. (BOGO, 2002, p. 10)

Talvez aqui tenhamos elementos suficientes para adentrar no segundo entendimento de mística, a partir da perspectiva do MST, que é a materialização da mística como expressão poética, a objetivação formal de um conteúdo partilhado— isto é, forma e conteúdo, reflexão e ação. Essa materialização formal Bogo denominará “sessão de mística”.

Sessão de mística

As sessões de mística ocorrem nos momentos que precedem outras atividades do movimento como estudos, encontros, seminários, lutas contra o latifúndio etc. Nessas sessões

realizam-se intervenções de caráter artístico cujos temas dizem respeito ao amplo universo da luta de classes, desde questões cotidianas de um determinado acampamento à memória histórica de revoluções e de revolucionários ou mesmo desejos poéticos de um porvir emancipador, a utopia revolucionária.

A amplitude de formas em que as sessões podem ser apresentadas nos proporcionou, após a análise de diversas místicas¹¹, a oportuna aproximação com o teatro épico brechtiano¹². Para seguirmos os objetivos deste artigo faremos a descrição de uma grande mística de congresso.

Os congressos nacionais do MST são momentos de reunião da militância para confraternização, avaliação e planejamento das linhas políticas que orientarão a organização para o próximo período de lutas sociais e políticas. Nos 33 anos de existência do movimento ocorreram seis congressos nacionais. O VI Congresso foi realizado em Brasília, no período de 10 a 14 de fevereiro de 2014¹³.

Nos congressos, além das atribuições já apresentadas, as místicas configuram-se como enunciado poético matinal, que tem função política, crítica e aglutinadora. A função aglutinadora diz respeito também à diversão. As místicas do VI Congresso atraíam os militantes ao ginásio de esportes Nilson Nelson e enchiam as plenárias pela manhã. Nesse quesito, o da diversão, as místicas acertam em cheio um dos pontos fundamentais do fazer teatral segundo Bertold Brecht em seu *Pequeno órgãoon para o teatro*¹⁴. Ressaltamos que a atração e a diversão de uma mística diferem de qualquer sedução alienada amplamente difundida pela indústria cultural (ADORNO & HORKHEIMER, 1997). A diversão proposta pelo Movimento Sem-Terra, conforme Brecht, diz respeito à reflexão e à participação crítica do público trabalhador ao mirar sua condição de produtor da realidade na luta de classes¹⁵.

11 Para conhecer mais sobre as aproximações da mística com o teatro épico sugerimos a leitura do estudo *A encenação da mística: o teatro épico do MST*.

12 Bertold Brecht, dramaturgo e diretor teatral alemão.

13 Editorial da Direção Nacional do MST - Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra, ano XXX, número 322, set-out-nov, 2013.

14 “O teatro consiste na apresentação de imagens vivas de acontecimentos passados no mundo dos homens que são reproduzidos ou que foram, simplesmente, imaginados; o objetivo dessa apresentação é divertir. Será sempre com este sentido que empregaremos o termo, tanto ao falarmos do teatro antigo como do moderno”. In: BRECHT, Bertold. **Pequeno órgãoon para o teatro**. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/15195149-Pequeno-organon-para-o-teatro-prologo.html>>. Acesso em: 16/03/2017.

15 “[...] Um teatro que torne a produtividade fonte principal de diversão deverá torná-la, também, seu tema; e é com um cuidado muito particular que deverá fazê-lo, hoje em dia, pois por toda parte vemos o homem a impedir o homem de produzir a si próprio, isto é, de angariar o seu próprio sustento, de divertir-se e

Antes de prosseguirmos, é importante frisar que a mística de congresso difere das místicas cotidianas, principalmente pelas proporções que adquire. De acordo com o espaço, a intencionalidade da ação, a dimensão política, o número de pessoas envolvidas, a mística assume tamanhos e formatos distintos, em pleno diálogo com as circunstâncias que a produzem.

Uma mística cotidiana ou ordinária envolve de cinco a dez pessoas em sua criação e execução, podendo ultrapassar esse número conforme a necessidade ou o planejamento, mas não se compara ao número de participantes de uma mística de congresso, que pode agregar até 1200 pessoas atuantes. Proporcionalmente amplia-se o público espectador.

As sessões de místicas ordinárias na Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF)¹⁶, por exemplo, ocorrem todas as manhãs, de segunda a sábado, e seu público pode chegar a 200 pessoas ou mais conforme a lotação da escola. Já o público de congresso ultrapassa as 15 mil pessoas, como é o caso do VI Congresso Nacional do MST, que reuniu aproximadamente 17 mil militantes e, destes, destacavam-se os “atores” das místicas – o número variava de 450 a 1200 atuantes por mística.

Tomaremos as místicas do VI Congresso como base de análise para a verificação de elementos formais que componham a construção simbólica de um sentido de nação a partir da perspectiva da classe trabalhadora e em específico pela visão de mundo dos Sem-Terra. Importante destacar que este pesquisador esteve no congresso e acompanhou a execução dessas místicas e que, além das memórias e anotações, conta com o registro videográfico disponibilizado pela brigada audiovisual Eduardo Coutinho.

No VI Congresso ocorreram 5 místicas matinais, como já dito, dentre as funções e características, exerciam o papel de abertura dos trabalhos do dia. Também aconteceu, em horários distintos, a Jornada Socialista – uma variação de mística, de maior duração e com temas mais delimitados –, que, não será possível esmiuçar neste artigo. Dentre as místicas de abertura daremos ênfase à da região Norte ou Amazônica, como também é chamada.

As místicas foram realizadas na plenária do ginásio de esportes Nilson Nelson, com capacidade para 24 mil espectadores, sendo 16 mil os assentos disponíveis. O ginásio circular forma uma arena completa; um palco foi instalado numa das extremidades da quadra

divertir. O teatro tem de se comprometer com a realidade, porque só assim será possível e será lícito produzir imagens eficazes da realidade.” (idem)

16 Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF) é uma das escolas de formação política do MST.

multiesportiva, criando a frontalidade circundada pela maior parte das arquibancadas; sobre o palco foi colocado um grande painel feito pelos artistas sem-terra da brigada de ornamentação.

Elementos como bandeiras, frutos da produção dos assentamentos, cores, objetos de trabalho, poesias impressas em painéis, canções e uma gama quase inumerável de componentes simbólicos constituem o ambiente da mística. Não seria forçoso falar em uma paisagem simbólica sem-terra evocada pela mística. De acordo com Joan Nogué,

[...] a paisagem pode ser interpretada como um produto social, como o resultado de uma transformação coletiva da natureza e como a produção cultural de uma sociedade em um espaço determinado. [...] As paisagens estão cheias de lugares que encarnam a experiência e as aspirações dos seres humanos. Estes lugares se transformam em centros de significados e símbolos que expressam pensamentos, ideias e emoções de muitos tipos diversos. (NOGUÉ, 2009 - p. 12)

Também Milton Santos nos auxilia na aproximação de paisagem e mística quando afirma que a paisagem é

(...) um conjunto de objetos geográficos distribuídos sobre um território, sua configuração geográfica ou sua configuração espacial e a maneira como estes objetos se dão aos nossos olhos, na sua continuidade visível (SANTOS; 2014 – p.12).

É evidente que nas místicas não tratamos de objetos geográficos, mas de sua representação. Os elementos da paisagem resgatados por uma sessão de mística não se restringem a uma autorreferência instituída por objetos dispostos em um espaço específico – a evocação simbólica da paisagem ocorre de maneira teatral, plástica, pictórica e poética. Portanto, a ornamentação, o lugar em que ocorre a sessão de mística, a disposição dos participantes, a relação que se estabelece entre os fazedores, e destes com o público espectador (que, como os mistes gregos, proporcionam uma experiência compartilhada), os símbolos, os sons, as canções e ações interagem criando conexões e relações desveladoras de significados pertinentes àquela coletividade.

Busquemos uma demonstração concreta na já aludida mística da região amazônica. Em meio ao ambiente comum do ginásio ornamentado, onde todas as místicas ocorreram, foi criada uma série de microambientes regionais amazônicos foram criados na quadra/palco. Podemos dizer que uma série de paisagens foram produzidas, ou mesmo cenários cujos elementos aludem a ambientes distintos mas conectados pela cultura, pelos costumes, pela história e pela sociedade em que estão inseridos.

Assim, temos uma das paisagens (ou um dos cenários) composta por tambores e atabaques; outra, por cerâmicas marajuaras e outros objetos produzidos na região Norte; outra, ainda, apresenta frutos endêmicos amazônicos; outra é formada por uma fileira de pessoas segurando ao lado do corpo guarda-chuvas pretos abertos e, por fim, temos a representação do Monumento das Castanheiras, localizado na Curva do S, no estado do Pará. Com exceção dos guarda-chuvas, os demais objetos por si já nos dão a síntese de complexas relações sociais e históricas, apresentam formas e conteúdo que sobrepõem o imediato da imagem materializada no palco. Essas paisagens são a um só tempo representação de lugares, costumes e culturas como também a própria presentificação destes na forma de novas paisagens vivas, em contato direto com os presentes.

Así pues, el paisaje es un concepto fuertemente impregnado de connotaciones culturales y puede ser interpretado como un dinámico código de símbolos que nos habla de la cultura de su pasado, de su presente y tal vez también de la de su futuro. La legibilidad semiótica de un paisaje, esto es el grado de descodificación de sus símbolos, puede tener mayor o menor dificultad, pero está siempre unida a la cultura que los produce. [...] el paisaje no sólo refleja la cultura, sino que es parte de su constitución. Y es por ello mismo – y sobre todo – un producto social. (NOGUÉ, 2009 - p. 21).

Acrescentemos à sobreposição de cenários, que evocam paisagens distintas referentes a tempos também distintos, a afirmação de Milton Santos de que “a paisagem é o resultado de uma acumulação de tempos” (SANTOS, 2012 - p. 30).

A esses cenários descritos somamos os intérpretes ou atuadores da mística. Os atuadores acrescentam novas camadas a serem decodificadas, tomam seus postos junto aos objetos dispostos formando uma espécie de coro com ações distintas e simultâneas. Os grupos assim organizados realizam tarefas como mimeses de trabalhos na roça e na cidade; acrescentam movimento e relação com as paisagens e, segundo Nogué, constituem a própria paisagem.

Além disso, novos coros aderem à dinâmica da mística (sem necessariamente relacionarem-se com os cenários dispostos anteriormente) e estes são portadores de objetos como cruzeiros, em referência aos mortos em conflitos no campo, em especial às vítimas do massacre de Eldorado dos Carajás. A mística amazônica trabalhou com contrastes de cores utilizando o preto como cor predominante sobre tons ocres, bege e vermelho.

É na dinâmica dos coros que vemos se formar, com cerca de 20 pessoas, uma locomotiva, cujas rodas são os grandes guarda-chuvas pretos girando incessantemente sob o

som de uma maria-fumaça e seu apito – vemos aqui que os recursos sonoros são parte da construção das encenações e podem aparecer como trilha sonora, efeitos sonoros, canções, poemas, textos lidos, narrados etc.

A locomotiva é uma referência de lutas locais, a empresa Vale, suas ferrovias e a mineração no Norte do país, e, ao mesmo tempo, a metáfora do capitalismo como máquina irrefreável. Além dos elementos simbólicos ligados à natureza e à cultura regional, a locomotiva da mineradora carrega consigo importante dado do caráter extrativista da região – fato que nos interessa ao aproximarmos mística e geografia no quesito região.

Uma região é, na verdade, o locus de determinadas funções da sociedade total em um momento dado. Mas, pelo fato de que, no passado, o mesmo fenômeno se produziu, as divisões espaciais do trabalho precedentes criaram, na área respectiva, instrumentos de trabalho fixos, ligados às diversas órbitas do processo produtivo, aos quais se vêm juntar novos instrumentos de trabalho necessários às atividades novas e renovadas atuais. [...] A cada momento histórico, pois, o que se convencionou chamar de *região*, isto é, um subespaço do espaço nacional total, aparece como o melhor lugar para a realização de um certo número de atividades. (SANTOS – 2012, p. 90)

Portanto, para além da antiga noção de região, segundo a qual “a região era considerada como a categoria *par excellence* do estudo espacial”, deixando de lado “o papel do Estado e a existência das classes sociais” (SANTOS, 2014 – p.87), o caráter regional na mística traz consigo as complexidades exigidas na apreensão de uma geografia atualizada a seu tempo.

A cada dia, uma macrorregião está encarregada de executar a mística – Centro-Oeste, Nordeste, Norte, Sul e Sudeste devem produzir as encenações que trarão os elementos místicos, políticos, econômicas e estéticas. O fato de as macrorregiões geopolíticas servirem de critério para a divisão da tarefa de produzir as sessões de mística no Congresso não restringe a compreensão e a apresentação de seu conteúdo como um dado meramente espacial.

Ainda assim, é verdade que as místicas serem divididas em macrorregiões geopolíticas apresentam, de saída, formas e conteúdos peculiares; isto é, seus criadores demonstrarão o MST a partir de sua perspectiva regional. Serão postos a vista os conflitos, os modos produtivos, os traços culturais, as particularidades da luta e até mesmo ícones da paisagem, como o já mencionado Monumento das Castanheiras, no Pará.

Em meio à simultaneidade de eventos, temos as paisagens “atravessadas” por poemas e narrações, ora declamadas, ora cantadas. Esse recurso, rigorosamente épico, dá unidade aos

cenários que não se tocam, e ou, não se veem, mas coexistem como ação conjunta a um só tempo ou mesmo em tempos distintos.

Coloquemos em destaque a camiseta preta que todos os integrantes da mística amazônica usavam. A camiseta uniformiza os participantes atuadores, ela serve de comunicado regional em suas tramas marajuaras estampadas, no desenho do boi-bumbá e no trecho do poema de Tiago de Melo, poeta amazonense, utilizado como referência à dureza da luta e ao porvir: “Faz escuro, mas eu canto porque a manhã vai chegar”.

Outros poemas e canções servem de dramaturgia regional à mística amazônica, é o caso de *Engenho de flores*, do maranhense Josias Sobrinho. A letra da canção traz a temática da luta de classes, que “abala as fortalezas” e desafia os poderosos: “Agora qu’eu quero ver se couro de gente é pra queimar.”.

A gama de símbolos, imagens, referências e encenações conquista um amplo recorte de elementos regionais amparados na história e nas lutas políticas e econômicas.

Ao promover ações simultâneas num mesmo tempo, a mística nos leva à ampliação da paisagem e nos dá a dimensão de um território. Ao encadear a ação simultânea de tempos distintos, ela nos proporciona um mergulho na paisagem quando desta buscamos a historicidade na imanência dos objetos dados e as relações animadas pelos coros artísticos.

O fato de animarem a paisagem confere aos atuadores – na forma de personagens, narradores, coreutas ou coros – a qualidade de agregar as relações sociais aos cenários e, portanto, de elevar estes à condição de espaço.

Consideramos o espaço como uma instância da sociedade, ao mesmo título que a instância econômica e a instância cultural-ideológica. Isso significa que, como instância, ele *contém* e é *contido* pelas demais instâncias, assim como cada uma delas o contém e é por ele contida. A economia *está* no espaço, assim como o espaço *está* na economia. O mesmo se dá com o político-institucional e com o cultural-ideológico. Isso quer dizer que a essência do espaço é social. Nesse caso, o espaço não pode ser formado apenas pelas coisas, os objetos geográficos naturais e artificiais, cujo conjunto nos dá a Natureza. O espaço é tudo isso, mais a sociedade: cada fração da natureza abriga uma fração da sociedade atual. (SANTOS – 2012, p. 12).

Ao somarmos as relações sociais em disputa pelo controle de um determinado território – e que se inserem nas diversas paisagens –, encontramos na mística amazônica mais uma categoria geográfica.

As disputas territoriais são, portanto, de significação, das relações sociais e de controle dos diferentes tipos de território pelas classes sociais. O território, compreendido apenas como espaço de governança, é utilizado como forma de ocultar os diversos territórios e garantir a manutenção da subalternidade entre relações e territórios dominantes e dominados. O território compreendido pela diferencialidade pode ser utilizado para a compreensão das diversidades e das conflitualidades das disputas territoriais. (MANZANO – p. 4).

Identificar os conflitos territoriais e, ao mesmo tempo, apresentar o modo de produção gerador das conflitualidades, fazendo a conexão da esfera regional com a esfera nacional e extrapolando as fronteiras rumo à divisão internacional do trabalho, é tarefa delicada que muitas místicas tocam de maneira exemplar.

Para não abandonarmos nossa “mística referência”, voltemos à amazônica para atentarmos mais uma vez à locomotiva da Vale, que, ao transportar minérios aos portos, evidencia e denuncia através da imagem amparada na dramaturgia lírica o papel do Brasil como exportador de produtos primários. A locomotiva nos posiciona como periferia voltada ao centro do capitalismo e subjugada às dinâmicas da ordem mundial hegemônica. Mais uma vez, com rigor épico, temos um poema convertido em dramaturgia, que, ao ser declamado durante a movimentação da locomotiva não deixa dúvidas quanto ao caráter exportador subalterno destinado ao Brasil: “o maior trem do mundo leva minha terra para a Europa, leva minha terra para o Canadá, leva minha vida triturada em 330 vagões de minério e destruição”.

No entanto, os militantes atuadores da região Norte não abandonam os conflitos de classe nem se furtam à tarefa de produzir valores simbólicos que se contraponham aos valores hegemônicos estabelecidos, na construção da imagem. Os coros de enfrentamento à locomotiva capitalista são formados por indígenas, ribeirinhos, sem-terras, operários, pequenos agricultores, e o modo de fazê-lo se dá pelo confronto físico e estético. São evocados os ritmos musicais, as danças, a indumentária de folguedos e festas, enfim, um leque de manifestações sócio culturais que colocam a disputa em outros patamares. Assim, a mística opera na construção de uma leitura crítica e poética sobre a realidade na perspectiva da classe trabalhadora e forja-se, ela própria, como elemento de disputa simbólica avançando sobre territórios imateriais.

O capitalismo se estabelece com a consolidação do território capitalista. Dizer que as relações sociais capitalistas produzem relações sociais não capitalistas também é dizer que os territórios capitalistas produzem territórios não capitalistas. Esta produção ocorre de modo desigual e conflitante, gerando disputas territoriais permanentes. As disputas territoriais não se limitam à dimensão econômica. Pelo fato do território ser uma totalidade, e multidimensional, as disputas territoriais se

desdobram em todas as dimensões, portanto, as disputas ocorrem também no âmbito político, teórico e ideológico, o que nos possibilita compreender os territórios materiais e imateriais. (MANZANO, 2008 – p. 5).

Uma vez determinado que o território é o espaço de disputa entre classes sociais distintas. Tendo o capitalismo como polo de oposição ante as classes organizadas ou não, iniciaremos o trabalho de identificação de símbolos e elementos que confirmam unidade nacional às lutas empreendidas.

Recuperemos, então, a locomotiva como manifestação material e metafórica do capitalismo e acrescentemos o que antes não foi descrito: a locomotiva da Vale expressa o aparato estatal, assim como parte das classes que se beneficiam dele. Ao pôr-se em movimento, a locomotiva ganha placas, que funcionam como legendas, aos moldes brechtianos, cujo conteúdo dá-nos notícia dos componentes da máquina. São cinco placas, a saber, Capitalismo, Agronegócio, PT, Destruição e Judiciário.

A locomotiva representa, portanto, um sistema econômico (capitalismo) promotor de mazelas sociais, ambientais e culturais (destruição); a empresa Vale – simbolizada pela locomotiva – empreende o monocultivo exportador, que é dirigido pela classe de ruralistas (agronegócio); o conjunto de leis e instituições que respaldam a movimentação legalizada da máquina de destruição diz respeito ao judiciário e o partido político que gerenciava o estado capitalista, espécie de maquinista colocado ao centro da imagem, é o Partido dos Trabalhadores (PT). Dessa forma, fica evidente que a locomotiva cumpre um papel simultâneo de opressor regional (a Vale), nacional e internacional.

As místicas recuperam o conflito de classes como motor da história (MARX; ENGELS, 2007) e rompem com a tentativa de conciliação e apagamento histórico colocado em curso pelos expedientes da unidade nacional (CHAUÍ, 2000; ARANTES, 2004).

O poema dramaturgia que narra a dinâmica da locomotiva deixa exposta a contradição entre a ação estatal (Estado capitalista) e a nacionalidade na perspectiva do movimento social: “o maior trem do mundo transporta a coisa mínima do mundo: meu coração brasileiro”. Terra, minérios, o coração brasileiro enviados ao exterior. Assim, a mística reafirma a existência da luta de classes e clama pela soberania nacional identificando os espoliadores como uma gama de setores sociais, grupos políticos e econômicos nacionais e internacionais (como já descrito) conectados a interesses antinacionais.

Os fazedores são oriundos das regiões que desempenharam na forma de arte elementos que os identifica como regionais e, ao mesmo tempo, pertencentes a uma totalidade territorial abrangida pelo MST que está organizado em 24 estados nas cinco regiões do país¹⁷. Temos aí um sentido de nacionalidade na perspectiva do movimento social, logo da classe social que o constitui, confrontando elementos formadores do sentido de nação das classes dominantes. As relações e conexões entre os espaços cênicos, constituição de um território, enumeração de conflitos, conexão de símbolos e textos, canções e tradições mais a certeza da presença nacional dos sem terra com sua pauta unificada, seus periódicos (revista, jornal), site, publicações (livros de poesia e teoria) e valores condensados nas místicas criam o ambiente propício à constituição de uma comunidade real e imaginada (ANDERSON, 1993).

Construir unidade nacional na perspectiva da luta de classes, em específico, a luta contra o latifúndio, sobrepondo valores essencialmente burgueses e hegemônicos, por valores da classe trabalhadora mantendo uma dinâmica viva de construção simbólica é algo no mínimo digno de atenção. Desta maneira as místicas do MST realizam importante tarefa na consolidação do imaginário sem-terra em suas atribuições poéticas, políticas e utópicas.

Referências Bibliográficas

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas: reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo** – Colección Popular – Fondo de Cultura Económica. México, 1993.

ARANTES, Paulo Eduardo. **Zero à Esquerda: Nação e Reflexão** – São Paulo: Conrad Editora do Brasil, Coleção Baderna, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Editora Hucitec – São Paulo, 2010.

BOFF, Leonardo. **Alimentar nossa mística**. Caderno de Formação nº 27. São Paulo: MST, março de 1998.

BOGO, Ademar. **O vigor da mística**. São Paulo: Associação Nacional da Cooperação Agrícola, 2002.

_____. **O MST e a Cultura**. São Paulo: Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, 2009.

17 <http://www.mst.org.br/quem-somos/>

BRECHT, Bertolt. **Estudos sobre teatro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

_____. **Teatro dialético: ensaios**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

_____. **Pequeno órganon para o teatro**. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/15195149-Pequeno-organon-para-o-teatro-prologo.html>>. Acesso em: 16/03/2017.

CALDART, Roseli Salete (Org.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2013.

CHAUI, Marilena. **Brasil: Mito Fundador e Sociedade Autoritária**. Editora Fundação Perseu Abramo - São Paulo, 2000.

COELHO, Fabiano. **A prática da mística e a luta pela terra no MST**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, Mato Grosso do Sul, 2010.

ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. **A Ideologia Alemã**. Editorial Boitempo – São Paulo, 2007.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Movimentos socioterritoriais e movimentos socioespaciais : Contribuição teórica para uma leitura geográfica dos movimentos sociais**. En: *OSAL : Observatorio Social de América Latina. Año 6 no. 16 (jun. 2005-)*. Buenos Aires: CLACSO, 2005-

_____. **Sobre a tipologia de territórios. Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos** / Marcos Aurelio Saquet, Eliseu Savério Sposito (organizadores) --1.ed.-- São Paulo : Expressão Popular : UNESP. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2008.

HORKHEIMER, Max & ADORNO, Theodor. **A indústria cultural: o iluminismo como mistificação de massas**. Pp. 169 a 214. In: LIMA, Luiz Costa. *Teoria da cultura de massa*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Sales. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro – Editora Objetiva, 2001.

LÖWY, Michael. **A Teologia da Libertação: Leonardo Boff e Frei Betto**. Disponível em: <<http://port.pravda.ru/sociedade/cultura/27-10-2008/25022-teologialibertacao-3/>>. Acesso em: 14 maio 2017.

NOGUÉ, Joan. **La Construcion Social del Paisaje**. Madrid – Biblioteca Noeva, 2009.

PAVIS, Patrice. **Dicionário de teatro**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

ROSENFELD, Anatol. **O Teatro Épico**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2008.

SANTOS, Milton. **Espaço e Método** – 5.ed., 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

_____. **Pensando o Espaço do Homem** – 5. ed., 3. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

SANTOS, M. E. L. **A construção do caminho para a conquista da terra: um espaço de transformação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra**. In: A Mística nos Acampamentos dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra como Processo de Territorialização. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, 2005.

SOUZA, Rafael Bellan Rodrigues de - **A Mística no MST: Mediação Da Práxis Formadora De Sujeitos Históricos**. Universidade Estadual Paulista “Julio De Mesquita Filho” Faculdade De Ciências E Letras - Programa De Pós-Graduação Em Sociologia, São Paulo, 2012.

VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e religião na Grécia Antiga**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.